

## **SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: QUESTÃO DE SUPORTE, RESILIÊNCIA E CONVICÇÃO\***

*BE A PROFESSOR OF PHYSICAL EDUCATION: QUESTION OF SUPPORT, RESILIENCE AND CONVICTION*

*SER PROFESOR DE EDUCACIÓN FÍSICA: CUESTIÓN DE SOPORTE, RESILIENCIA Y CONVICCIÓN*

**Natacha da Silva Tavares**

*natacha\_760@hotmail.com*

**Jordana Pinheiro Pires**

*jordanappires@hotmail.com*

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

**PALAVRAS-CHAVE:** *Educação Física; Resiliência; Escola.*

Há muito circula uma narrativa que apresenta a Educação Física (EF) como disciplina favorita dos estudantes da Educação Básica. Entendemos, no entanto, que além de ser uma visão um tanto quanto otimista, possivelmente esteja associada com determinado formato de aula. Ademais, ainda que essa afirmativa possa ter representado um certo momento histórico, talvez não represente a realidade atual.

Temos trabalhado em contextos em que uma prática de EF estruturada e com seleção dinâmica dos conteúdos tem sido constantemente questionada pelos estudantes. Nesse sentido este trabalho busca comunicar experiências vividas pelas autoras na docência em EF tendo como base uma prática pedagógica sistematizada, fundamentada, organizada e com uma seleção variada de conteúdos. Em relação a essas experiências percebemos que alguns elementos foram decisivos: o suporte, a resiliência e a convicção.



\*O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Entendemos que a questão de materiais e da falta de estrutura física – para aulas que destoem do conhecido quarteto-fantástico – é algo possível de ser contornado com alguma criatividade e disposição para confeccionar materiais alternativos e adaptar espaços. Ao nos propormos trabalhar com badminton, por exemplo, tivemos que criar petecas com material improvisado, com rolhas etc. Quanto ao uso dos espaços físicos, muitas vezes foi preciso deslocar as aulas para além das quadras, arredando as classes na sala de aula, levando os alunos para pesquisar na biblioteca ou para assistir um filme. Entendemos que ao realizarmos atividades em outros espaços provocamos certo espanto nos estudantes e no restante do coletivo das escolas.

A fim de ampliar o repertório docente para dar conta dessas propostas participamos de cursos e oficinas sempre que possível, como o curso “EF na Educação Básica: Diálogos e Possibilidades” ofertado na UFRGS em parceria com a Univatesem 2017 e 2018, que propõe debates, palestras e também oficinas que permitiram repensar os conteúdos ou mesmo a abordagem desses.

A resistência por parte dos estudantes foi algo que, apesar de esperado, nos chamou a atenção. Eram frequentes as falas e pedidos, como “hoje é livre?”, “prova na aula de EF?”, “por que a senhora não pode dar uma coisa que a gente goste de fazer?” e assim por diante. Ainda que plausíveis por ingressarmos em escolas em que não havia anteriormente aulas nesse formato, sentimos certo desconforto quando essas cenas se repetem com frequência e quando, apesar de realizarmos diversos diálogos com os estudantes esses não compreendem os argumentos apresentados.

O suporte que buscamos foi através do contato e da troca entre pares em grupos de whatsapp ou em momentos de encontro. Além disso, entendemos que o apoio e respaldo da equipe diretiva/ensino, assim como a busca por formação (FREIRE, 1996) também viabilizou que tais propostas fossem concretizadas (DUBAR, 2005; MUÑOZ PALAFOX, 2001).

Para perpassar a resistências dos alunos foi preciso ter resiliência, ou seja, mantermo-nos firmes e sustentando nossa proposta, uma vez que a pressão para cedermos a outra metodologia era constante. Foi preciso muito diálogo e persistência para que pudéssemos apresentar nossa concepção de EF escolar (TAVARES, 2001).

Para tanto, foi preciso convicção acerca de nossas concepções sobre a EF, seu lugar no currículo escolar e seus objetivos. Ao demonstrarmos às diferentes equipes diretivas e estudantes nossa convicção sobre o trabalho desenvolvido percebemos que pudemos compartilhar esse entendimento e obter um maior suporte. Ademais, acreditamos que essa convicção pode também auxiliar para que possamos nos manter resilientes nessa proposta (Freire, 1996).

## REFERÊNCIAS

- DUBAR, C. *A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MUÑOZ PALAFOX, G. H. *Intervenção político-pedagógica: a necessidade do planejamento de currículo e da formação continuada para a transformação da prática educativa*. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.
- TAVARES, J. et al. *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

